

A full-page image of Harley Quinn from the movie 'Birds of Prey'. She is wearing her signature pink and black outfit, a clear leather jacket, and a tinsel cape. She has her blonde hair in pigtails and is holding a mallet over her shoulder. The background is a dark, stylized city street with blue and purple lighting and falling confetti.

CULT
DE CULTURA

COLÓQUIO
NACIONAL EM
ARTE SEQUENCIAL
E CULTURA POP

8 A 10
OUTUBRO
2020

FACULDADES
EST

POP!

CADERNO DE RESUMOS



GT 8 - MÍDIA E CULTURA POP

Sábado – 10/10 – das 14h às 17h
Coordenador: Thiago Soares Arcanjo

A CULTURA DA MÍDIA ENQUANTO REPRESENTAÇÃO (VALORATIVA) DE SEU TEMPO – UMA TEORIA SOBRE CONTEXTOS, INTERPRETAÇÕES E REPRESENTAÇÕES

Artur Rodrigo Itaqui Lopes Filho¹⁰³

Iniciamos a presente trabalho orientados pela seguinte questão: seria a cultura da mídia uma representação valorativa do seu tempo? Nosso pressuposto diante de tal questão é afirmar que toda produção midiática se alimenta do contexto de sua época, mesmo que muitas de suas obras sejam de cunho fantástico/alegórico. Isso se dá devido ao fato de entendermos que a mídia usa como referência o universo contextual de sua época para criar, sendo este universo contextual interpretado, avaliado e, por consequência, ajuizado, tornando, desse modo, a produção midiática, uma representação valorativa de seu tempo.

A questão norteadora que nos orienta, implica em uma questão, a qual acaba tendo que ser abordada e, igualmente, trabalhada ao longo do desenvolvimento deste trabalho: De onde surgem as representações valorativas? O pressuposto que sustentamos frente a tal questão é que a representação advém da interpretação contextual, mas não uma interpretação pura dos fatos concretos e demais ocorrências, mas sim, filtrados pelo imaginário que fomenta crenças, ideias, convicções, teses e teorias paradigmáticas da qual o sujeito se alimenta e, igualmente, alimenta sua difusão. Assim temos uma (pretensa) teoria sobre a influência do imaginário contextual na produção das representações valorativas.

A fim de desenvolver a presente teoria, adotamos algumas hipóteses, as quais nos orientaram ao longo de nossa particular trajetória acadêmica/intelectual e que, pretendemos, consolidar enquanto parte constituinte da tese pretendida defender. São elas:

1. Partimos do pressuposto que o contexto é alimentado por um conjunto de estereótipos;
2. Esses estereótipos tomam corpo em símbolos arquetípicos que, por sua vez, alimentam o imaginário de um determinado lugar e época (contexto);
3. O imaginário é formado pelas concepções que se tem sobre todos os elementos que compõe um determinado lugar no tempo, em outras palavras, o entendimento que se tem acerca da história, da cultura, da economia, da política e da sociedade de um determinado lugar advém de visões estereotipadas que alimentam símbolos arquetípicos e que virão compor o imaginário de um lugar e de uma época, algo que podemos chamar de imaginário contextual;

¹⁰³ Doutorando em História, Universidade Federal de Pelotas, artursan@gmail.com.



4. Entendendo o contexto como um conjunto de estereótipos que alimentam símbolos arquetípicos divididos socialmente, sugerimos que toda produção de uma época, inevitavelmente, traria (presente) elementos de seu imaginário contextual;

5. Concebemos que, ao longo da história, a produção midiática é alimentada por aspectos de seu imaginário contextual, os quais acabam por constituir uma representação valorativa de sua época;

6. Enquanto representação de uma época, temos, enquanto hipótese ser possível, ao observarmos a produção de uma época, ter acesso aos aspectos formadores do imaginário contextual de um determinado período da história da humanidade, sendo possível demonstrar, ao relacionar a produção de uma época com o seu imaginário contextual.

A tese pretende defender que o imaginário contextual influencia, diretamente, em toda produção midiática, no sentido de orientar as características que irão compor tanto o herói quanto o vilão, os personagens coadjuvantes, a narrativa, assim como as características que irão compor o cenário (mesmo que ficcional) de toda produção oriunda da cultura da mídia. Tal concepção, segundo nosso entendimento, torna a cultura da mídia uma representação valorativa de seu tempo.

Para defender a tese de que a produção se alimenta do imaginário contextual de uma época, buscaremos promover o entendimento de três conceitos-chaves, os quais possuem autores de referência e que servirão de base fundacional para o desenvolvimento da tese pretendida. Os conceitos básicos a serem estudados são: Cultura da Mídia, Imaginário e Representação.

Para tratar do cenário da Cultura da Mídia, buscaremos na obra *A cultura da mídia* (2001) de Douglas Kellner, apresentar a definição de seu conceito, assim como o entendimento apresentado sobre o autor acerca daquilo que constitui a cultura que compõe o universo da produção midiática. Conforme a perspectiva do autor, o cenário da produção midiática (historicamente) promove o desenvolvimento de uma cultura que perpassa as relações sociais, media o desenvolvimento do conhecimento e, igualmente, influencia a formação ideológica de seus consumidores. Com uma grande proximidade às ideias apresentadas na obra *Dialética do Esclarecimento* (1985), em especial aquelas apresentadas no capítulo da *Indústria Cultural*, Douglas Kellner remonta a preocupação de Theodor Adorno e Max Horkheimer diante da produção midiática tornado elemento cultural e presente enquanto objeto de consumo. Seu alerta decorre do movimento de apropriação contextual que a mídia promove ao acessar o universo social, político, econômico, cultural e histórico de uma determinada sociedade, algo que o faz compreender que a mídia imputa concepções ideológicas ao interpretar o cenário, o qual influencia a sua produção. Sua postura o aproxima da figura apocalíptica descrita por Umberto Eco, em sua obra *Apocalípticos e Integrados* (1979), que é descrito pelo autor como aquele que teme toda e qualquer transformação, buscando observar, apenas, as possíveis ameaças trazidas pelo estranho, pelo diferente, enfim, pelo ainda não compreendido. Esse diferente é abordado pelo autor enquanto fenômeno da cultura da mídia que, igualmente, é abordado por outro grupo tão perigoso quanto o



apocalíptico, nomeado de integrado. O integrado, em oposição, seria aquele que encontraria apenas positivities diante da manifestação do diferente, isto é, não admitiria a possibilidade de haver questões problemáticas inerentes a manifestação de algo ainda não compreendido, tornando difícil o desenvolvimento do exercício crítico.

Na sua obra, Eco ressalta que a produção midiática advém de uma circularidade de elementos que são alimentados pelo contexto que compõe o cenário de toda produção. Um universo que não necessariamente compõe o fato das ocorrências vividas e cultivadas enquanto memória de uma época ou lugar, mas sim, enquanto ideia viva e alimentada sobre tudo aquilo que compõe uma sociedade. Concepções que versam acerca daquilo que é entendido ser uma postura ideal, um valor ideal, uma conduta ideal, enfim, aquilo que é sustentado enquanto ideal. Desse modo, a produção midiática, conforme o autor, é datada, não por constituir uma manifestação de uma época, mas por se alimentar das concepções ideológicas que compõe uma determinada época e lugar.

Para nós, esse cenário que alimenta a produção midiática e que compõe a cultura da mídia, concatena com aquilo que compreende as teorias do imaginário. Gilbert Durand, nas obras *As estruturas antropológicas do imaginário* (2002), *O imaginário* (1998) e *A imaginação simbólica* (1993), trabalha o conceito de bacia semântica como o lugar (conjectural), no qual o imaginário se constrói. Para o autor a imaginação simbólica é aquela que alimenta o imaginário, sendo dotada de concepções não necessariamente verdadeiras, para não dizer, essencialmente especulativas. O imaginário para Durand compreende tudo aquilo que compõe o pensamento comum de uma época e lugar. Se aproximando do discurso de Durand, Michel Maffesoli alimenta a concepção do autor acerca do imaginário introduzindo, nas obras *O tempo das tribos* (2006) e *A transformação do político – a tribalização do mundo* (2005) a ideia de que o imaginário é coletivo e ressalta que a bacia semântica alimenta tanto quanto é alimentada por tudo aquilo que é produzido, idealizado ou imaginado.

Frente a teoria do imaginário, toda produção midiática acabaria por ser alimentada pelo imaginário contextual, sendo a mesma uma representação valorativa de seu tempo. Uma representação, no sentido o qual nos apresenta Michel Foucault nas obras *As palavras e as coisas* (2000) e *Isto não é um cachimbo* (2002). Conforme a perspectiva do autor, o mundo acessado é permeado por um conjunto de interpretações que são fomentados pela conjuntura contextual. Ainda que o mesmo não use o conceito imaginário, a interpretação advém daquilo que entendemos ser o imaginário contextual e dele, ideias acerca de tudo aquilo que circunda o indivíduo passam a serem construídas, se tornando representações de ideias imputadas as coisas e, portanto, tornadas e adotadas enquanto verdade, isto é, tornadas parte do imaginário contextual. No campo da história, o movimento de representação entende que toda fonte consiste em uma interpretação de uma época produzida por um determinado contexto, sendo, portanto, toda produção (oficial e não-oficial), uma representação de uma ocorrência (dotada da pretensão de verdade). Como referência de tal movimento, Carlo Ginzburg elucida aquilo compreendido enquanto representação ao tratar do caso das imagens que substituíam os cadáveres de figuras notórias da realeza, ato comum, presente ao longo do período do medievo. O autor remete ao costume de expor o cadáver de um membro da realeza para fins



de visitação pública em um cadafalso. O caso ressaltado pelo autor acerca de tal ocorrência, se refere ao fato de que o que era apresentado para o público visitante, era apenas uma escultura que mimetizava a figura do cadáver em um estado mais bem conservado que o corpo em putrefação.

O ato de substituir a imagem concreta da mortalidade por uma face melhor trabalhada, substituía a mortalidade pela permanência. Ao mesmo tempo em que o manequim substituía o cadáver, trazia uma figuração previamente interpretada, para não dizer, maquiada, daquilo que já não estava mais presente, assim como, igualmente, o substituía em toda sua complexidade, ao ponto da imagem alegórica se tornar o próprio monarca mais concreto que o cadáver que não mais se encontrava ali presente.

Se valendo do grande cenário da maquiagem que vinha a encobrir a concretude da morte e da putrefação, Ginzburg, em analogia, acaba por apontar que o mesmo ocorre com o processo de leitura da história. Segundo o autor, a tentativa de se buscar o passado traz consigo a intenção de reapresentar aquilo que outrora foi e que, no presente, não é mais. Implicitamente e de maneira despercebida, tal processo acaba por proporcionar um movimento de substituição, onde a narrativa daquilo que não se encontra mais presente, acaba por substituir sua própria manifestação no tempo.

Em acordo com as concepções de representação e aproximando a ideia de imaginário contextual, resumimos que o movimento que nos propicia buscar entender o mundo em sua complexidade é alimentado e, igualmente, alimenta o imaginário contextual, o qual nos leva a construir uma relação representacional com tudo a nossa volta. Nesse sentido, tudo passa a ser uma representação valorativa alimentada pelo imaginário contextual no qual vivemos, inclusive sua produção midiática.

Palavras-chave: Cultura Pop; Contexto; Interpretação; Representação.

Referências:

ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

DURAND, G. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. *O imaginário*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

_____. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ECO, U. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FOUCAULT, M. *Isto não é um cachimbo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.



_____. *A palavra e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GINZBURG, C. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Relações de força*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KELNER, D. *A cultura da mídia*. São Paulo: EDUSC, 2001.

MAFFESOLI, M. *A transformação do político – a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.